

XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

**CENTRO E A AGLOMERAÇÃO URBANA INTERNACIONAL: O CASO DAS
CIDADES DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO – BR E RIVERA – UY.**

André Pinho Peter
Mestre em Geografia, Doutorando UFSM
andre.peter@bol.com.br

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo, analisar a formação do Centro e da Aglomeração Urbana nas cidades de Sant'ana do Livramento – BR e Rivera – UY, articulando dessa forma a análise da produção do espaço urbano utilizando o recurso metodológico regressivo progressivo, identificando as temporalidades que formam os centros e como foram sendo agregados os valores de centralidade, que na atualidade correspondem à função mercantil varejista em ambos os centros. Essa afirmação é potencializada pela atividade de turismo comercial, nos *Frreshops* instalados no Uruguai em conjunto a rede hoteleira de Sant' Ana do Livramento que contribui na intensificação do fluxo entre as duas cidades. Fluxo esse que é também potencializado pelos recentes investimentos federais que reestruturam o espaço urbano Sant' Ana do Livramento.

Palavras chave: Centro, Aglomeração, Comércio, Sant' Ana do Livramento, Rivera.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre centro e centralidade urbana ocupam a priori uma preocupação evidente por parte dos Geógrafos, visto que, em muitos casos os centros urbanos são o principal *locus* de concentração de pessoas e atividades cotidianas nas cidades.

Nesse sentido o artigo irá se discorrer sobre a ocorrência dessa temática nas cidades Sant' Ana do Livramento -RS(82 mil habitantes), e Rivera - UY(70 mil habitantes), analisando a produção dos centros que representam a aglomeração urbana de ambas as cidade.

Sendo assim o trabalho ira discorrer sobre o processo de urbanização na fronteira Brasil/Uruguai, e a conseqüente formação da aglomeração urbana entre as cidades fronteiriças.

Objetiva assim relacionar a produção do espaço das duas cidades verificando como ocorre o processo de urbanização, avaliado por intermédio do método regressivo/progressivo.

Primeiro será analisado o conceito Aglomeração Urbana, segundo os conceitos de Centro e Centralidade e apontamentos sobre o método Regressivo/Progressivo, logo após a análise empírica a cerca das cidades de Sant’Ana do Livramento e Rivera, demonstrando como a atual configuração espacial está inserida na aglomeração urbana da fronteira e suas possibilidades de produção futura.

2 AGLOMERAÇÃO URBANA E CONURBAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS

SOUZA (2003) *apud* MIYAZAKU (2003) define uma aglomeração urbana como um “Minissistema urbano em escala local, constituído a partir da junção de duas ou mais cidades, seja pela intensificação dos vínculos ou pela expansão territorial urbana”.

Dessa forma, Miyazaki (2008, p.12) afirma que

“existem duas formas de abordagem sobre a *aglomeração urbana*: uma diz respeito a essa concentração de pessoas, serviços, atividades etc. em espaços compactos, não ultrapassando necessariamente os limites político administrativos de uma cidade; já o outro ponto de vista compreende a aglomeração urbana numa perspectiva mais ampla, onde o urbano se processa em um conjunto mais complexo e extenso e que engloba mais de uma cidade”.

Partindo então do segundo ponto de vista podemos verificar no caso estudado a existência uma ligação física entre as cidades, pois se trata de uma aglomeração internacional onde o “urbano se processa em um conjunto mais complexo e extenso”,

SPÓSITO(2004), afirma que:

Muitas vezes, a descontinuidade territorial é possível porque a continuidade espacial se fortalece por meio de ampliação de infra-estruturas de circulação e comunicação (sistema viário, sistema de fornecimento de água ou captação de esgotos, redes de telefonia, televisão e internet etc) e pela difusão do acesso aos equipamentos que possibilitam os deslocamentos e os contatos (veículos automotivos, antenas, microcomputadores etc).(SPOSITO, 2004, p.204).

VILLAÇA (2001), afirma que “a aglomeração urbana representa o espaço de comutação diária entre cidades, isto é, o desenvolvimento de relações interdependentes entre duas ou mais áreas urbanas, compondo um fenômeno único”, onde a escala das inter – relações que existem entre as cidades é caracterizada pela “intensa vinculação socioeconômica”.

Dessa forma “esta comutação ou vinculação, referentes à integração entre os centros urbanos caracteriza a continuidade espacial”, e tal característica diz “respeito aos fluxos de pessoas (ligados aos deslocamentos como casa-trabalho, casa-lazer, casa-compras, etc.), de mercadorias, de informações (telefone, fax e internet), dentre outros”.

Do ponto de vista da conurbação, SPÓSITO (1996), informa que a “expansão da malha urbana com crescimento determinado por suas forças internas, tende à constituição de uma mancha urbana única”, que segundo a autora se diferencia de “aglomeração, processo pelo qual cidades tendem a incorporar em sua mancha urbana cidades pequenas próximas cujo crescimento decorre da expansão da cidade maior”. (SPÓSITO 1996, p. 43).

No caso estudado opta-se pela utilização do termo aglomeração, - mesmo que as cidades estejam ligadas fisicamente pelos seus centros – continuidade espacial – as conexões urbanas do desenvolvimento das cidades não se dão no âmbito das infraestruturas, mas sim de aspectos sociais, econômicos e culturais, onde se desvincula o conceito de conurbação, avaliando a construção histórica analisando as temporalidades que configuram tal aglomeração urbana de fronteira.

3 O CENTRO E A CENTRALIDADE: O ESFORÇO DE CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

A princípio, devemos entender que, ‘toda aglomeração sócio espacial humana desenvolve, um e apenas um centro principal’ VILLAÇA (1998).

Dessa forma, existe apenas um centro principal, sendo ponto de convergência de uma grande parcela da população que diariamente circula por seu espaço, atraída pelo grande número de comércio e de serviços ali presentes, contudo o centro extrapola essa noção, pois os centros são como tal por sua centralidade, conforme Villaça (1998)

os centros não são centros porque neles se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos. Vimos que o oposto também não é verdadeiro. Não é verdade que os palácios, catedrais ou bancos se localizam nos centros porque eles são centros. E por que eles são centros? Fica claro o círculo vicioso. Qual a origem ou fonte da centralidade? Esta na possibilidade de minimizarem o tempo gasto e os desgastes e os custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos. (VILLAÇA 1998, p. 242)

SPÓSITO (1991) considera que a formação histórica do centro constitui a centralidade, pois:

No interior da cidade, o centro não está necessariamente no centro Geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as

outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo. (SPÓSITO 1991, p. 6)

No mesmo sentido, BALSAS (1999), atribui ao centro um valor de centralidade:

O que distingue o centro das cidades das zonas periféricas é a sua multifuncionalidade e a sua mistura orgânica de funções (Champion e Daves 1983, Robertson 1995, Moss, 1997), podendo encontrar-se mercados públicos, centros de negócios, escolas e universidades, instituições de saúde e salões de beleza, locais para reuniões, galerias de arte, cultura e lazer; locais para visitar, transportes e áreas residenciais. No entanto, os seu principal papel é a venda a retalho. Um centro de cidade é mais que um centro comercial. No entanto, se perder a sua atractividade como centro de comércio, dificilmente pode sobreviver como um centro em sentido lato. (BALSAS 1999, p. 53).

Sendo assim entende-se que centro é resultado de uma construção histórica no qual as pessoas conduzem as principais atividades urbanas com conseqüente redução dos gastos de energia e tempo no seu acesso, contudo em comunidades maiores e mais complexas o centro também é *locus* de diferenciação de espaços urbanos, onde se criam os mecanismos para essa dominação.

Admitimos agora uma comunidade maior e contemporânea, com centenas ou milhares de famílias organizadas em classes sociais, com distinções de renda e de poder político e fazendo uso de diferentes meios de transporte. Em uma sociedade de classes, essas famílias disputam as localizações e desenvolvem mecanismos sociais para regular essa disputa ao mesmo tempo em lutam pelo domínio dos meios e condições de transporte e procuram produzir espaços urbanos moldados por esses meios e condições. Acabam por produzir espaços urbanos diferenciados. (VILLAÇA 1998, p. 242-243)

Assim a produção de espaços urbanos diferenciados faz com que certas classes tenham uma posição mais privilegiada quanto à localização dentro das cidades, e buscam o centro para poder dominar o espaço urbano onde:

Dominar o centro e o acesso a ele representa não só uma vantagem material concreta, mas também o domínio de toda uma simbologia. Os Centros urbanos principais são, portanto (ainda são, em que pesam suas recentes decadências), pontos altamente estratégicos para o exercício da dominação. (VILLAÇA 1998, p. 244)

O que se percebe então, é que o centro existe por uma multifuncionalidade de objetos que o compõe e lhe garantem seu valor como centralidade o centro é único, sendo definido por um processo histórico de construção espacial, onde ocorre uma maior circulação de pessoas.

No caso estudado, além da sua força estruturadora no âmbito das cidades, tem por intermédio da aglomeração e das interações espaciais a caracterização de centralidade nas

duas cidades, sendo assim a aglomeração serve-se do centro e o centro surge como fenômeno histórico da aglomeração dialeticamente, é a formação do centro - aglomeração.

4 O MÉTODO REGRESSIVO PROGRESSIVO.

O método regressivo progressivo é um instrumento de análise, operacionalizado pela descrição das formas e as funções atuais, decompondo-as em temporalidades passadas na atual forma urbana.

MARTINS (1996) divide o método em “três procedimentos metodológicos, onde o primeiro consiste em identificar e recuperar as temporalidades desencontradas e coexistentes” onde “a complexidade presente na vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. É preciso reconstituir a partir de um olhar atento a diversidade das relações sociais, descrevendo o que se vê”. (MARTINS 1996, p.8)

A partir da descrição da paisagem, ocorre a identificação das temporalidades, o que se denomina “*analítico – regressivo*” (Martins, 1996), encaminhando-se para a análise da intersecção entre passado e presente, procedimento esse denominado *histórico – genérico*, (MARTINS, 1996), que consiste então, de uma conjuntura complexa e descontinuada de eventos.

A terceira parte aponta às possibilidades de produção futura do espaço, que MARTINS (1996) define como:

Alternativas não consumadas, necessidades insuficientemente atendidas, virtualidades não realizadas. Na gênese dessas contradições está de fato a gestação de virtualidades e possibilidades que ainda não se cumpriram. Porque é o desencontro das temporalidades dessas relações que faz de uma relação social em oposição à outra a indicação de que um possível está adiante do real realizado”. (MARTINS 1996, p.22)

Corroborando nesse sentido, VIEIRA (2004) define o método como um “instrumento metodológico”, onde se identificam as temporalidades do presente, e que se “aparecem juntas”, necessitam ser datadas para demonstrar que a “coexistência” na atualidade está carregada de “processos diferentes no passado”:

Sob esse ponto de vista, tem-se um instrumento metodológico, o método regressivo progressivo de que nos fala Lefebvre. Por - intermédio deste instrumento, capaz de identificar no presente as diferentes temporalidades da história, pode-se analisar o real sobrepondo-se à concepção de contemporaneidade das relações sociais. Se aparecem juntas no presente, as relações sociais, para serem entendidas de maneira correta, precisam ser datadas, precisam ter suas origens vinculadas a uma determinada data, para que se demonstre que a coexistência delas no tempo atual esconde a gênese em processos diferentes no passado. (VIEIRA, 2004, p. 152)

O método Regressivo/Progressivo insere-se no ensaio sistematizando os processos históricos que se cristalizam na atualidade, é o instrumento metodológico de análise dialética da organização espacial, onde a decompondo e apontando perspectivas futuras de produção do espaço, condizem com a análise histórico crítica da produção do espaço da aglomeração da fronteira, Brasil/Uruguai.

5 O ESTUDO EMPÍRICO: A FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS CIDADES

As cidades de Sant’Ana do Livramento - RS e Rivera – UY, formam no sul do Rio Grande do Sul e Norte do Uruguai respectivamente, uma aglomeração urbana com traçado nos centros de forma quadriculada – derivado da colonização Espanhola na região -, padrão esse verificado em outras cidades Brasileiras que são próximas da fronteira com o Uruguai, como Pelotas e Bagé.

Em termos de localização, a cidade da Banda Oriental e a Cidade Sul Brasileira, têm respectivamente as seguintes coordenadas geográficas: 30° 53’ 60” de Lat. Sul e 55° 31’ 00” de Long. Oeste, e 30° 53’ 27” de Lat. Sul e 55° 31’ 58” de Long. Oeste.

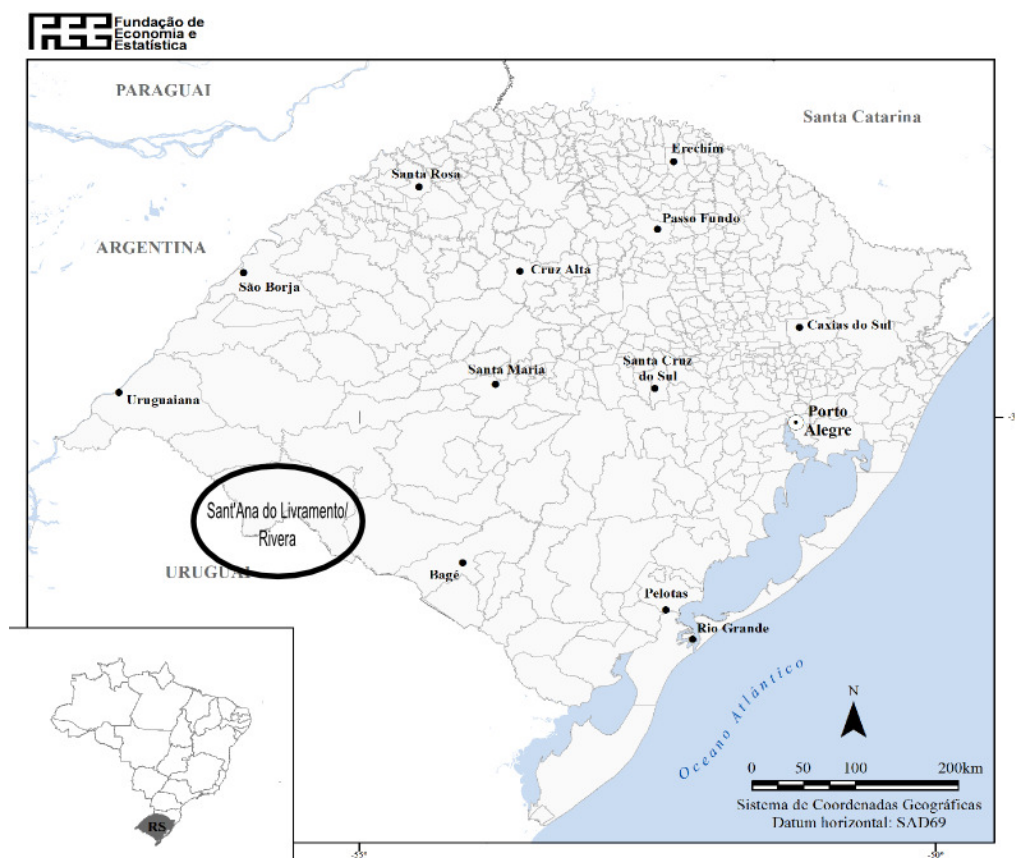


Figura 1: Sant’Ana do Livramento e Rivera.

Fonte: FEE, 2013. (adaptado pelo autor).

Com população total de 152 mil habitantes, (70 mil Rivera e 82 mil Santa'Ana do Livramento), distam de Porto Alegre - RS 480 Km, e 500km de Montevideu - UY. Possui clima Subtropical úmido com a presença de Massa de Ar Polar Atlântica no inverno e Massas de Ar Tropical Atlântica e/ou Continental no Verão, sua altitude média é de 219 metros. A localização no bioma de Pampa, tem seu sítio assentado em duas províncias geomorfológicas que são à borda do planalto Basáltico da Bacia do Paraná e a depressão periférica, na unidade geomorfológica do Rio Ibicuí e Rio Negro, e o Planalto de Uruguiana no Nível Alto.

Em termos de ocupação, para entender o processo de aglomeração na fronteira é necessário primeiro, compreender a necessidade da fixação territorial, do lado Uruguio ocupar a fronteira era:

Una necesidad. Demarcarla, probarla, defenderla y cerrarla, constituían su preocupacion fundamental para sujetar el territorio de la banda a su puerto y aduana únicos... Mientras que para el mundo e la pradera, la frontera era el horizonte abierto..., para la mentalidad mercantil de Montevideo el horizonte de sus esperanzas estaba em el rio y los caminos del mar, sendo la tierra – “afuera” de sus murallas – la ancha posesión de su feudal dominio, coto cerrado para el disfrute extranõ y la ambicion ajenas, protegidas por el fortín y las partidas celdoras, sujeta por la coyunda de la frontera. (ABADIE, BRUSCHERA e MELOGNO 1966, p. 112 – 113)

No lado Brasileiro também se fazia necessário à ocupação, e esse processo foi efetivado de forma organizada segundo NEVES (1990):

Resultante das fixações da fronteira externa e internas surgiram uma constelação de cidades regionais, articulando-se em uma rede, essas cidades passaram a controlar os fluxos de mercadorias, e a prestação de serviços. Em primeiro lugar a cidade de Porto Alegre, e seguido por cidades polos como Pelotas, Caxias do Sul, Passo Fundo e Santa Maria, Rio Grande.

Destaca-se, nesse sentido, a demarcação da fronteira externa, de cunho militar com a perspectiva de defesa alcança o máximo expoente entre as cidades de Sant'Ana do Livramento e Rivera, - onde hoje existe por parte do governo Uruguio a busca do reconhecimento territorial do município de Sant'Ana do Livramento por parte do governo Brasileiro.

A fixação na fronteira (uma necessidade no Uruguai), e a formação da fronteira externa do Rio Grande do Sul de ocupação militar, forjam o inicio da formação urbana, na divisa dos dois países.

A ocupação territorial de Sant'Ana do Livramento, institui-se no escopo da produção da fronteira externa do Rio Grande do Sul, sendo o ano de 1818 fundante, com a doação de um campo (uma légua de frente por três de fundo), por parte do 1º Conde de Figueira, D. José

Castelo Branco Corrêa da Cunha Vasconcellos para o Sr. Luciano Pinheiro, e datada no dia 30 de julho de 1823 a formação do povoado, a partir da licença de construção da Capela Nossa Senhora do Livramento na localidade de São Diogo, onde posteriormente a capela foi transferida para o atual local, no centro da cidade, na praça General Osório.

É elevada à categoria de vila em 1857, transformando-se em cidade no ano de 1876 (mesmo decreto que transforma a vila de Santa Maria da Boca do Monte na cidade de Santa Maria), em 1938 o nome da cidade foi modificado para Livramento, contudo em 1957, por força de decreto estadual, volta-se ao nome de Sant’Ana do Livramento.

O município se desenvolve no século XIX, por intermédio das atividades na venda do gado para as charqueadas e na condição de defesa territorial da fronteira, esse período, antecede temporalidade industrial da instalação da indústria frigorífica que ocorre no início do século XX.

Bezzi (2009) destaca a importância de três momentos na produção do espaço regional, fundamentais na interpretação da produção do espaço urbano: a courama, as charqueadas e os frigoríficos.

Após o ciclo do charque, Sant’Ana do Livramento entra em seu momento mais rico com a instalação do frigorífico estadunidense Armour, em 1917, que funciona até os anos 1980, configurando-se como período de auge industrial, em 1940, a cidade era a sexta maior em população do estado.

Tabela 01: População das 7 maiores cidades do RS em 1940 (em milhares)

Cidade	População
Porto Alegre	259
Pelotas	62
Rio Grande	49
Santa Maria	39
Bagé	32
Santana do Livramento	26
Uruguaiana	21

FONTE: SCHÄFFER, 1993

O movimento de quebra industrial nos anos 1980 e 1990, é concomitante com a abertura econômica brasileira e a formação do MERCOSUL (Sant’Ana do Livramento é cidade símbolo do Mercosul), e perfaz a atual temporalidade espacial do município, onde a principal atividade econômica é o comércio e a produção de pecuária de corte.

A cidade de Rivera, (fundada no ano de 1862, como Pueblo Ceballos, era povoada por espanhóis, portugueses e italianos, e também por alguns brasileiros que residiam em Sant’Ana do Livramento, no ano de 1867 teve seu nome alterado para Rivera, em homenagem ao General Fructuoso Rivera), e capital do departamento de Rivera, é dotada de um aparelho comercial de empresas que trabalham com produtos de linha internacional, a variedade de lojas no centro da cidade uruguaia organiza a forma urbana no sentido de maximizar a circulação de consumidores, pois forma urbana em Rivera modernizou-se, acompanhando a reformulação da função comercial, ao passo que em Sant’Ana isso não ocorre.

Culturalmente, essa característica se expressa na atual forma urbana do centro de Sant’Ana do Livramento, onde, antigas residências são ocupadas atualmente com funções de varejo, que conservam o formato quadriculado das ruas centrais e demonstram empiricamente um passado rico, mas também é o registro material do empobrecimento da cidade, como demonstram as figuras 01,02,03 e 04.

Ao passo que a década de 1980 é considerada de crise no Brasil e conseqüentemente em Sant’Ana do Livramento, no Uruguai, por sua política de desenvolvimento estatal apresenta melhores condições de desenvolvimento em Rivera.



Figura 2: O Comércio Informal de Sant’Ana do Livramento, em 2013.

Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.



Figura 3: Comércio de Sant'Ana do Livramento na Rua dos Andradas, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.



Figura 4: Comércio de Sant'Ana do Livramento na Rua dos Andradas, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.

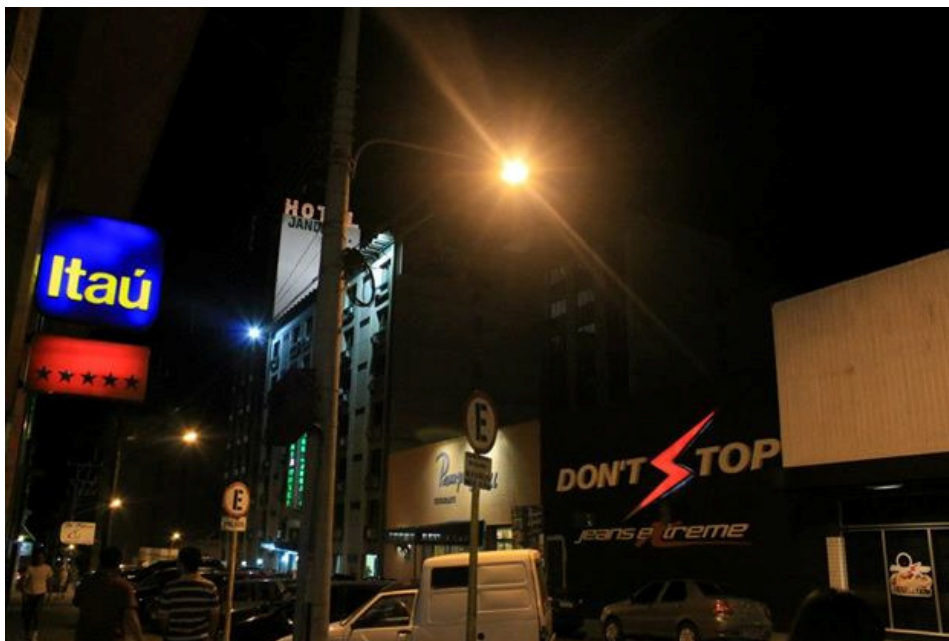


Figura 5: Comércio de Sant'Ana do Livramento na Rua dos Andradas, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.

Verifica-se, contudo, que a formação de uma primeira temporalidade, a cidade de Rivera ainda utilizara a infraestrutura urbana de Sant'Ana.

Após o início do século XX, a cidade de Rivera passa a ter equipamentos urbanos mais complexos, como por exemplo, as linhas telefônicas, hospitais e escolas secundárias.

No período de modernização econômica do Uruguai, o estado teve um papel diferente do papel do Brasil, onde o estado teve como função ser agente de financiamento econômico, desenvolvendo-se em um ritmo mais acelerado do que o Brasil, educação e saúde gratuita e as leis trabalhistas envolvem a temporalidade que se estende de 1900 até 1970.

A cidade de Rivera conhece também o seu auge econômico, com a constituição de toda infraestrutura urbana, em Rivera o princípio de ocupação é semelhante ao de Livramento - fixação militar para guarda do território, com a criação principalmente de ovelhas.

Contudo e nos anos 1980 e 1990, com a abertura econômica, a formação do Mercosul, ocorre um novo impulso na cidade, a abertura dos *Free Shops* (1986), atraindo o consumidor brasileiro de outras localidades para compras, conduz a uma revitalização da área central da cidade, como evidenciam as figuras 05, 06, 07 e 08



Figura 6: Comércio Informal em Rivera, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.



Figura 7: Free Shops, Rivera Avenida Sarandi, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.

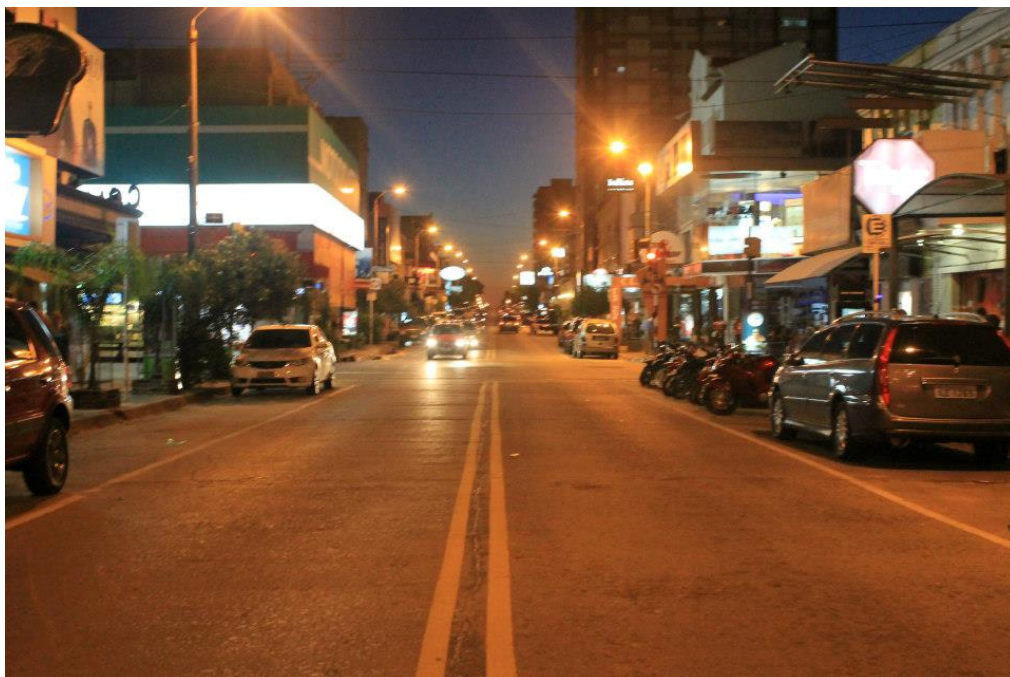


Figura 8: Free Shops, Rivera Avenida Sarandi, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.



Figura 9: Free Shops, Rivera Avenida Sarandi, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.

Além disso, existe a instalação do Shopping Center Sineriz, fora do perímetro central que tem levado consigo uma grande massa de consumidores oferecendo conforto e estacionamento fora do congestionado centro, cabe ainda salientar a construção de um segundo shopping (Shopping Melancia com previsão para Outubro de 2015), essa diferença

entre a estrutura urbana pode ser verificada nas fig.09 e 10 que demonstram a diferença entre os centros de Rivera e Sant’Ana do Livramento.

Na figura 10, nota-se a diferença entre a mancha comercial de Rivera (em vermelho), e de Sant’Ana do Livramento (verde), não é de se estranhar pois na cidade Uruguiaia funcionam 45*FreeShops*, além de diversificados restaurantes e duas praças centrais. Ao passo que a cidade de Sant’Ana do Livramento ocorre a fixação de hotéis no centro da cidade e um aparelho comercial menos diversificado e menor em área de ocupação.

Nesse contexto os centros das duas cidades complementam-se oferecendo os serviços utilizados para a configuração da aglomeração em termos turísticos.



Figura 10: Espaços Luminosos e Espaços Opacos, divisa Rivera/Sant’Ana, em 2013.
Fonte: Pesquisa do Autor, 2013.

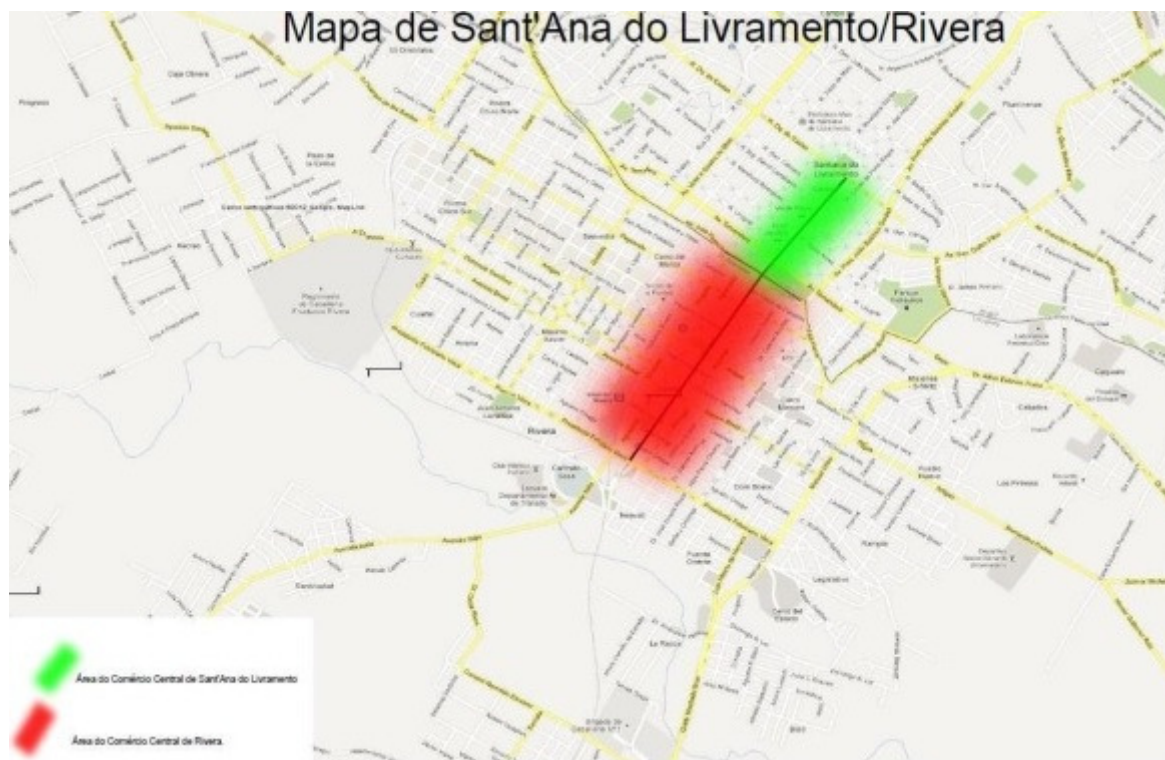


Figura 10: Mancha Comercial de Sant'Ana do Livramento/Rivera.

Fonte: Google Maps, 2012, adaptado pelo autor.

Em termos de perspectivas futuras existem possibilidades em ambos os lados da fronteira, do lado Brasileiro, a instalação de *FreeShops* em Sant'Ana do Livramento, outro fato importante no que tange ao desenvolvimento do centro, está ligado principalmente aos programas federais de financiamento da habitação, que em Sant'Ana do Livramento começam a resultar em novos edifícios residenciais no centro, e também novos condomínios construídos nas vias de acesso ao centro, nesse sentido observa-se que Livramento estrutura-se como centro residencial e Rivera como centro comercial, no âmbito da aglomeração urbana.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção do centro - aglomeração de Sant'Ana do Livramento e Rivera, atrela-se ao movimento de fixação das fronteiras do Brasil e do Uruguai, onde localizar-se mais próximo da linha divisória, constituía uma vantagem locacional, ou seja, o controle de toda uma região de interesse por parte das nações recém independentes.

Nesse sentido, o ensaio analisou a priori os conceitos de aglomeração e conurbação, bem como tratou de verificar a formação da centralidade nas cidades e analisou como as mesmas contribuíram na formatação do centro.

O deslocamento do excedente da produção rural para aquisição de imóveis urbanos contribui para o desenvolvimento das cidades, em Sant’Ana cresce a cidade industrial, e em Rivera surge a cidade do fluxo, e assim o centro de ambas é lócus de integração de entre as cidades, além de centros históricos são simbólicos.

Quando a temporalidade da indústria se destitui e a crise econômica atinge a região, as mudanças no espaço intra – urbano, ocorrem no re-aparelhamento urbano comercial.

Em Sant’Ana do Livramento o comércio tradicional com lojas locais e redes regionais passa a ser a principal fonte de trabalho da população, ocorre uma diminuição na população absoluta da cidade e o conseqüente empobrecimento.

Já Rivera, por intermédio de política de instalação dos Free Shops, re-configura sua tipologia comercial, que por intermédio de incentivos fiscais e atraí consumidores de várias regiões do Brasil.

Nessa perspectiva, evidencia-se a dinâmica extra ao espaço intra-urbano, o arranjo confeccionado nesse sentido torna Rivera à cidade da venda e Livramento a cidade da hospedagem.

Por outro lado a reestruturação residencial, impulsionou o dinamismo urbano em Livramento com a instalação do Campus da Universidade Federal do Pampa, a construção da Usina Eólica do Cerro Chato e a construção civil, que é fomentada principalmente por políticas de financiamento público federal no Brasil.

Concluindo é possível falar em aglomeração urbana de fronteira, com união de centros urbanos que são concorrentes, mas ao mesmo tempo complementares, condizendo com a dinâmica urbana de uma aglomeração das cidades.

Nesse sentido os centros configuram atualmente a aglomeração, e esta aglomeração em si constitui os valores de centralidade, ou seja, eles existem, pois são dialeticamente configurados, e sua centralidade é fruto das atividades desenvolvidas ali, sendo assim os dois centros das duas cidades são um só no que tange seu valor central, mas separados por questões históricas oriundas dos desenvolvimento nacional, e principalmente regional e local.

7 REFERÊNCIAS.

ABADIE, R. W; BRUSCHERA, O; MELOGNO, T. **La Banda Oriental. Pradera-frontera-puerto**, Montevideu, EBO,1966.

BALSAS, J. L. **Urbanismo Comercial em Portugal: e a revitalização do Centro das Cidades**. Lisboa: GEE – Ministério da Economia,1999.

BATELLA, W. B. Os limiares das cidades médias: reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni-MG. 2013. 228 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013.

BEZZI, M. L.; BRUM NETO, H. **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho**. RA' EGA (UFPR), v. 17, p. 17-30, 2009.

LEFEBVRE, H. **A produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4 e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006, disponível em:

www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf

MARTINS, J de S et al. **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MIYAZAKI, V. K. **Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó**. 2008. Dissertação (mestrado em geografia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente.

NEVES, G. R. A Rede Urbana e as Fronteiras: Notas Prévias. In: OLIVEIRA, N.; BARCELLOS, T. **Rio Grande do Sul Urbano**. Porto Alegre: FEE, 1990 118 – 140.

PETER, A. P. **O Papel do Comércio na Produção da Centralidade em Pelotas – RS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2010.

SCHÄFFER, N. O. **Urbanização na Fronteira. Expansão de Santana do Livramento,RS**. Porto Alegre: ED Ufrgs, 1993.

SOUZA, M. L. de. **Abc do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 190p.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana In: **Revista Geográfica**. São Paulo,s/l, 10: 1-18, 1991.

SPOSITO, E. S. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1996. 90p

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508f. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

VIEIRA, S. G. Paisagem e Memória: As diferentes Temporalidades do presente. In: GILL. Lorena Almeida; LONER, Ana Beatriz; MAGALHÃES, Mario Osório. **Horizontes Urbanos**. Pelotas: Armazém Literário, 2004

VILLAÇA, F. Cidades em regiões... In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C.A.GALVÃO, A. C. F. (orgs.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbanoregional**. São Paulo: Editora UNESP; ANPUR, 2003.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.